

GADOTTI, Moacir. “Prefácio”. In: CINTRA, Benedito Eliseu Leite. *Paulo Freire entre o grego e o semita. Educação: filosofia e comunhão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Prefácio

Tem sido difícil para mim escrever ou falar sobre Paulo ou sobre seu legado, depois de sua morte. Não sei do que se trata. Triteza. Saudades. Falta de rumo. Eu me sentia mais seguro com ele. Durante mais de 20 anos eu me aconselhava nos momentos mais difíceis da minha vida. Não apenas nas minhas dúvidas pedagógicas.

Agora o professor Eliseu, meu professor de lógica nos idos de 1962, quando iniciei meu curso de Filosofia, dá-me a honra de prefaciá-la esta obra, neste momento difícil. Paulo nos deixou há mais de um ano. Pra mim parece que foi ontem. Não consigo esquecer as conversas do último ano. A preparação e edição de seu último livro *Pedagogia da Autonomia*, as tardes no Instituto Paulo Freire, cheias de esperança, de projetos, mesmo quando se sentia cansado. Não posso esquecer de que ele havia prometido caminhar mais, não exagerar nas comidas gordurosas, viajar menos... Ele era um homem feliz, mas nos dizia, “o meu corpo não consegue acompanhar a minha mente”. Ninguém imaginava que ele nos deixaria tão cedo. Ele se foi e não é mais para uma curta ou longa viagem. É uma viagem sem retorno.

Essa é uma situação nova para mim, para os membros do Instituto que ele fundou. Eu tenho vários motivos para me sentir diferente, esquisito, incomodado, para ter dificuldades de falar sobre ele. Não consigo usar o verbo no passado ao falar dele.

Por outro lado, o humanismo de Eliseu, a seriedade com que enfrentou o desafio de ler toda a obra de Paulo, me dão forças para falar com o leitor, a leitora deste livro. Lembro-me do dia em que Paulo recebeu a tese que originou este livro. Eram 3 grossos volumes, apresentados metodologicamente e de maneira muito original. Paulo ficou surpreso, desde logo, não apenas com o número de páginas. Dizia ele “parece-me que se trata de um dos trabalhos mais extensos sobre a minha obra; é uma análise muito minuciosa”. Eliseu explicava: “Bem, Paulo, você pode não concordar, eu acabei descobrindo, entre outras coisas, que seu livro mais importante não é *Pedagogia do Oprimido* é *Cartas à Guiné Bissau*. Por quê? - perguntou Paulo. E como professor de Lógica, Eliseu Cintra iniciou uma longa exposição de suas teses, criticando às vezes as posições mais “partidárias” de Paulo. Paulo ouvia com atenção, concordando e discordando. Paulo elogiou na tese de Eliseu e sua ousadia. Não se trata apenas de um “comentário” de sua obra, mas de uma tomada de posição. Eliseu estava mostrando também um lado contraditório, necessariamente contraditório, no pensamento filosófico de Paulo (o Paulo semita). A tensão “entre o grego e o

semita” alimenta os fundamentos da pedagogia freireana, afirma Cintra.

Foi uma tarde não concluída. Paulo estava na saída para dar uma aula na PUC. Aliás, ele morreu num sábado, depois do feriado de primeiro de maio, tendo dado aula na terça anterior, como sempre fazia. Eliseu, filósofo e teólogo, propôs-se à árdua tarefa da análise ontológica do pensamento de Paulo quando a maioria dos seus analistas tratam das dimensões ônticas de sua obra.

O que eu posso dizer aos amigos e amigas que estão iniciando a leitura deste livro?

Em primeiro lugar, eu peço compreensão. Peço que eduquem o olhar. É um texto diferenciado de outras obras que falam de Paulo Freire. Eliseu Cintra sabe disso. Aqueles que vêem em Paulo um santo, um guru, um totem, ficarão decepcionados. Paulo é um pensador crítico que Eliseu critica, seguindo o método freireano. Aplica ao autor da crítica, o método crítico, com coragem, seriedade, paciência e honestidade.

Quantas revisões fez Eliseu de sua tese. Queria encontrar Freire sem precisar falar com ele. Queria encontrar Freire através dos seus textos, como leitor, não como amigo. Em geral, as pessoas se aproximavam de Freire para aprender, para mostrar-lhe um trabalho, para pedir-lhe opinião sobre algum assunto, para solicitar uma orientação etc. Eliseu Cintra aproximava-se de Freire apenas para escutá-lo, sentir sua presença, sem nenhum interesse especial. Dizia-me Eliseu, “Paulo é uma pessoa acolhedora”.

Eliseu Cintra entende a educação como filosofia (grego) e cominhão (semita), como teoria e prática, como conhecimento e convivência. É assim que documenta e sistematiza a obra de Paulo Freire. Na sua análise encontrou dois Paulos “oscilantes”: o helênico que cultivava a razão, a teoria, e o semita, mais identificado com o desejo, o bem, a política. E Paulo nunca deixou de afirmar que educação era, ao mesmo tempo, ato de conhecimento e ato político. Poderíamos dizer que o pensamento de Paulo oscilava entre o coração e a mente, com “pensamento do coração”. Vivia “pendente”, nos diz Eliseu, onde o semita é contido pelo grego, onde aparece ora o profeta, ora o revolucionário. Por isso era também um cristão marxista, não vendo nisso nenhuma incoerência, mas uma complementariedade. Nem por isso Paulo diluiu a educação na política, preservando a especificidade da educação frente à política.

Nessa profunda obra analítica, Eliseu Cintra vai costurando, como poucos, as categorias freireanas, principalmente na Pedagogia do Oprimido, formando um belo tecido. A apresentação que faz das categorias fundantes da pedagogia freireana não se encontra em outros autores com a mesma riqueza de detalhes e comentários. Trata-se de um estudo minucioso onde é mostrado o movimento temático da obra de Freire, realçando essa circularidade entre razão e emoção, educação e política que permeia toda a sua obra.

A relação entre o afetivo e o cognitivo acentua a polissemia da obra de Freire. Dizia ele: “o conhecimento tem uma feição de beleza”. Não encontramos essa relação apenas na teoria do

conhecimento, mas também na sua pedagogia. Para aprender, dizia ele, é preciso querer aprender, envolver-se no aprender. E apontava a curiosidade fonte do conhecimento e os ambientes interativos como fatores facilitadores do conhecimento. Conhecer é descobrir, construir e reconstruir. Não copiar. Ao chegar à Secretaria Municipal de São Paulo (1989) seu primeiro texto como Secretário começava assim: “aprender é gostoso, mas exige esforço”. A qualidade do ensino, para ele, media-se pelo empenho ético e pela alegria de aprender. Pregava a intimidade entre conhecimento e vida, fundando a sua teoria na antropologia.

Nos últimos meses de sua vida, por sugestão de seu grande amigo Francisco Gutierrez, Paulo estava disposto a iniciar uma nova caminhada na leitura, reflexão e escrita sobre o que chamávamos no Instituto Paulo Freire de “ecopedagogia”. Ele estava sempre buscando, embora permanecesse fiel a uma linha diretriz do seu pensamento que vinha, desde seus primeiros escritos e que se identificava com o compromisso com os oprimidos. “Eco” significava “casa”. Paulo ia escrever sobre a “casa/terra”, nosso planeta; ia escrever sobre uma pedagogia planetária, sobre a cidadania planetária. Estava iniciando nessa caminhada...

Guardo de Paulo essa vontade que sempre o acompanhou de aprender coisas novas, inclusive sobre seu pensamento, como neste livro. Mas não posso deixar de escrever com certa tristeza sobre isso. A morte é sempre uma tragédia: ela interrompe tantos projetos, tantas iniciativas. Não somos feitos pra morrer. Nós somos seres imortais, interrompidos no meio da caminhada, quando tínhamos tanto ainda para caminhar,

São Paulo, 18 de junho de 1998.

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire